



**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER
LICENCIATURA EM NORMAL SUPERIOR**

INGRID SANTOS DO NASCIMENTO

**MERGULHO NA FORMAÇÃO E RECONHECIMENTO DA CONSTRUÇÃO DE
VÍNCULOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Rio de Janeiro

2022

INGRID SANTOS DO NASCIMENTO

**MERGULHO NA FORMAÇÃO E RECONHECIMENTO DA CONSTRUÇÃO DE
VÍNCULOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Normal Superior, com Habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientadora: Professora Melissa Lamego

Rio de Janeiro

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

N244m Nascimento, Ingrid Santos do

Mergulho na formação e reconhecimento da construção de vínculos na educação infantil / Ingrid Santos do Nascimento.– Rio de Janeiro: ISEPS, 2022.–
32 fl. il.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2022. Requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientador: Professora Especialista Melissa Batista Lamego

1. Educação infantil. 2. Formação de Professores. 3. Memória de Formação. 4. Construção de vínculo. I. Título. II. Orientadores. III. ISEPS. IV. Instituto Superior de Educação Pró-Saber.

CDD 372

LICENÇAS

Autorizo a publicação desse trabalho na página da Biblioteca do Instituto Superior de Educação Pró-Saber ou em qualquer meio que julgue adequado, tornando lícita sua cópia total ou parcial somente para fins de estudo e/ou pesquisa.

Essa obra está licenciada sob uma Licença **Creative Commons**, maiores informações <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>.

Rio de Janeiro, 25 de junho de 2022.

INGRID SANTOS DO NASCIMENTO

INGRID SANTOS DO NASCIMENTO

**MERGULHO NA FORMAÇÃO E RECONHECIMENTO DA CONSTRUÇÃO DE
VÍNCULOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Normal Superior, com Habilitação em Magistério da Educação Infantil.

ORIENTADOR

Professora Especialista Melissa Batista Lamego

LEITOR

Professor(a)

Rio de Janeiro

2022

Aos meus filhos, Kaiky e Maria Eduarda, por todos os momentos que necessitei me ausentar para estar me dedicando ao nosso futuro, e ter novas chances na vida profissional.

AGRADECIMENTOS

Agradeço essa monografia primeiramente a Deus, por ter me dado saúde para concluir este processo tão importante para mim; aos meus familiares, que foram os meus maiores apoiadores; aos amigos e em especial à minha amiga lanca, que nunca me deixou desistir; aos professores, que sempre estiveram comigo nessa caminhada me apoiando direta e indiretamente, em todos os momentos; aos meus filhos, que são o principal motivo de toda essa minha conquista e por não terem me permitido desistir de ir atrás de estudo, e me apoiado para continuar nesse sonho de me tornar professora e educadora, que foi transformada com muito amor.

RESUMO

Esta monografia trata da minha formação no Curso Normal Superior do Pró-Saber que tem como objetivo capacitar profissionais da Educação Infantil. O instituto desenvolve um trabalho para qualificar profissionais em serviço. Por meio do estudo de teóricos importantes, como Paulo Freire e sua filha Madalena Freire, resgatamos nossas vivências como educandos e educadores e adentramos em novos conteúdos para nos aprofundarmos em trocas e construções contínuas em grupo. O principal objetivo da minha pesquisa foi re-ver o processo vivido no curso para tomar consciência do que aprendi e das transformações pelas quais passei. Além disso, me dediquei a compreender melhor a importância da construção de vínculos e da afetividade na primeira infância.

Palavras-Chave: Normal Superior. Formação em serviço. Construção de vínculos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 UM UNIVERSO NOVO	12
1.1 O que me trouxe ao Pró-Saber	15
1.2 O universo Pró-Saber	18
1.3 Revisão de literatura	19
2 CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO E APRENDIZADO	25
3 PROFESSOR E ALUNO E SUA IMPORTÂNCIA PARA A CONSTRUÇÃO DO VÍNCULO	34
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	32

Resgatar, salvar do esquecimento alienado, as lembranças de nossa história pedagógica com nossos modelos, é entrar em diálogo crítico com nosso passado, podendo assim, ajudar-nos, também, a entendê-lo, superá-lo, esquecer-lo, como ato consciente de quem perdoa (FREIRE, 2008, p. 42).

INTRODUÇÃO

Em minha infância, eu apenas queria brincar e ser feliz. E, uma das muitas brincadeiras era a de *escolinha*. Entrei cedo na educação infantil. Com quatro anos, estava matriculada na escola "Uma Estrela", que ficava em minha cidade, Maceió, Alagoas, onde fui alfabetizada. Lá, vivi muitos momentos felizes e uma das muitas recordações que tenho é da passeata de apresentação da escola, em que fui caracterizada de árvore, pois o tema principal era "Plante uma árvore".

Na minha infância, eu não tive muito incentivo em relação ao estudo em geral, somente a oportunidade de estar matriculada em uma escola para fazer o fundamental. Minha mãe trabalhava muito e só tinha a quarta série; meu pai foi até o sétimo ano, porém também trabalhava muito e nunca se importou com a minha vida educacional. Passei a ter mais incentivo e contato com os livros, quando nos mudamos para um lugar próximo à casa de uma amiga de infância, chamada Midiane. Ela me inspirou a ler e escrever mais, sem que eu me afastasse dos estudos. Foi ela quem mostrou que não devemos desistir nunca daquilo que sempre almejamos, seja o que for. Por isso deixo aqui o meu agradecimento, e quero que ela saiba o quanto sua ajuda foi essencial na minha formação.

Josso deixa claro: "a história de vida é, assim, uma mediação do conhecimento de si em sua existencialidade, que oferece a reflexão de seu autor expressão e de representações de si, assim como sobre as dinâmicas que orientam sua formação" (JOSSO, 2007, p. 419).

Porém, esse afastamento aconteceu, quando nos mudamos novamente e, por conta disso, precisei ficar ausente da escola durante dois anos. Minha mãe não estava conseguindo vaga nas unidades escolares no bairro para o qual nos mudamos e para não ficarmos mais anos sem estudar, minha mãe conseguiu uma vaga na escola no bairro onde minha avó Rita morava. A distância era grande, mas a vontade de aprender era maior. Enfrentava uma hora e meia de ônibus da minha casa até a unidade escolar.

E quando eu achei que tudo ia bem, meus pais se separaram e eu tive que novamente sair da escola. Foi então que minha tia Luiza, que morava no Rio

de Janeiro, foi a passeio em Maceió, cidade onde ela nasceu, ver os parentes e, ao conversar com minha mãe, convidou-a para vir tentar uma oportunidade de vida no Rio. Logo minha mãe aceitou e uma semana depois, tive a melhor notícia (triste ao mesmo tempo). Minha mãe precisou partir e como minha tia não tinha condições financeiras para levar todos, incluindo minha irmã e eu, ela precisou nos deixar com meu pai durante seis meses. Foram os mais longos de todos, chorava todos os dias. Mas a maior tristeza foi mais uma vez me ver longe da escola. Foi um período angustiante, principalmente, por não ter um pai presente como minha mãe era e sempre foi para nós.

Fotografia – 01 [em título]



Autora: Maria de Lourdes

O grande dia chegou e com ele a minha saída da cidade de onde eu nasci, foi uma das mais felizes e dolorosas partidas, pois eu deixava para trás toda minha infância e história, desde quando eu nasci até os meus treze anos

de idade. Eu sabia que uma nova história ia começar e que novos capítulos iam surgir; eu só não esperava ser tão rápido.

Quando fixei meu pé pela primeira vez no Rio de Janeiro, me senti uma caipira longe de sua cidade de origem, mas que estava disposta a mudar a história de vida, e esse grande desafio estava apenas começando. Minha tia já havia me matriculado na escola mais próxima de nosso bairro, seu nome era CIEP Tancredo Neves, localizada na Glória, pois morava na rua Pedro Américo no Catete. Chegou o grande dia de voltar para escola, depois de dois anos e meio longe dela e foi maravilhoso, pois era uma escola integral. Lá pude fazer novas amizades e ter um novo encontro com os livros literários, vivi momentos de leitura que me fizeram sair da realidade cruel que eu tinha vivido.

Foi lá que eu tive o prazer de ser quem eu quisesse ser, descobri e conheci lugares incríveis, fui provocada a experimentar o prazer de voltar a ser ,mesmo sabendo que as condições para isso não eram favoráveis. Fui feliz do terceiro ao quinto ano e, em seguida, tive que ir para outra escola chamada João Saldanha, no bairro de Botafogo, onde cursei do sexto até a antiga oitava série. Mais uma vez tive que parar com os estudos, pois acabei ficando grávida do meu primeiro filho, aos dezesseis anos. Foi um choque para todos que acreditaram no meu potencial, mas seu nascimento não foi empecilho para me fazer parar. Quando ele fez um ano, voltei a estudar e logo me matriculei no Colégio Estadual Amaro Cavalcanti, no ano 2006. Terminei o Ensino Médio no ano de 2008.

Foi uma das minhas maiores conquistas, pois minha mãe achava que eu não era capaz. Fui e fiz isso com seu apoio, pois era ela quem cuidava do meu filho à noite para que eu voltasse a estudar.

Conto um pouco mais da minha trajetória nos capítulos a seguir.

1 UM NOVO UNIVERSO

Entrei neste novo universo chamado Educação Infantil, através da colega lanca. Eu já havia feito de tudo um pouco: fui vendedora, arrumadeira, manicure e instrutora no transporte escolar, que era com criança, mas nada relacionado diretamente com a educação infantil.

Minha trajetória não foi fácil, mas quem disse que seria, não é mesmo? Um belo dia, fiquei desempregada e resolvi fazer uma viagem para Maceió, lugar onde eu nasci. Mas, antes de viajar, lanca me mandou uma mensagem, me dizendo que na creche onde ela estava trabalhando estavam precisando de uma auxiliar e perguntou se eu não estava a fim de ir lá fazer uma entrevista. Não pensei duas vezes, pois eu estava precisando do emprego.

No dia seguinte, lá fui eu, correu tudo muito bem, até porque fui firme quanto às minhas falas e me mantive confiante de que sairia daquele espaço empregada.

Maria Fernanda e Ruani, as entrevistadoras, me disseram que entrariam em contato comigo, pois teriam mais algumas meninas para entrevistar. Fui para casa e, ao acordar, meu celular tocou. Quando eu vi o nome Ruani, nossa, que emoção! Ela foi logo direto ao ponto: você foi selecionada. Preciso que você comece no dia 5 de fevereiro. Tudo aconteceu como eu esperava. Mas lembram da viagem, que citei no início?

Então, ela estava programada para o dia 5 de fevereiro e meu retorno para o dia 31. Minha maior aflição era que eu tinha que começar no dia 5 de fevereiro no trabalho, fiquei aflita pois não sabia como ia fazer, preenchi uma ficha, aproveitei e conversei com as coordenadoras sobre a minha viagem, que já estava marcada antes e elas me acalmaram e disseram que eu podia ir sim, visitar a minha família, e que me aguardavam retornar. O medo era muito, mas entreguei nas mãos de Deus e fui. Visitei todos, aproveitei e correu tudo bem. Quando eu voltei, dei início ao meu mais novo amor chamado: educação infantil.

Logo de início, fiquei como volante, ou seja, ficava circulando de sala em sala. Mas logo surgiu uma oportunidade de ficar como auxiliar fixa na turma do maternal 1. Foi amor à primeira vista!

Eu nesta época, pensava que trabalhar em uma unidade escolar era apenas para cuidar, dar banho, alimentar, enfim, fazer todos os cuidados necessários até os pais ou responsáveis destas crianças chegarem para buscá-las. Pensava também que era só fazer algumas atividades em datas comemorativas, pois não tinha ideia que o nosso papel para essas crianças e familiares ia muito além disso. Ao passar os meus dias na instituição, fui apresentada a um novo universo, o do pedagógico, onde participei da primeira jornada pedagógica da creche. Não estava entendendo nada sobre o que estava sendo abordado, mas, devagar, a coordenadora foi me explicando como funcionava nossa prática pedagógica e como era apresentada aos nossos alunos.

E confesso que, nos primeiros dias, fiquei assustada. Não por estar trabalhando com crianças, e sim por não saber bem como seria esse trabalho, essa dinâmica. Aos poucos, fui me entrosando e, em uma semana, já estava incluída naquele espaço, pois fui recebida com muito amor. É disso que precisamos todos os dias, trabalhar com amor e dedicação, na profissão que escolhemos e que fomos escolhidas.

Hoje, vejo que a educação infantil consegue abrir novos horizontes. Sinto também, que sou uma excelente educadora e que, com toda certeza, vou deixar marcas positivas por onde eu passar. Como diz Paulo Freire (1987) “Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas mudam o mundo”.

1.1 O que me trouxe ao Pró-Saber

Minha coordenadora pedagógica comentava sempre sobre a Instituição Pró-Saber, com muito carinho e não deixava de expressar seu desejo de ver a mim e a colega lanca fazendo o curso. Sempre que podia, ela comentava sobre a nova turma que iria abrir. Para dizer a verdade, eu ouvia ela muito silenciosamente, pois não achava que teria paciência para retomar os estudos após dez anos de conclusão do ensino médio.

Minha entrada no Instituto Pró-Saber foi algo inesperado. Em um belo dia, minha coordenadora me chamou novamente em sua sala e me disse que o edital havia saído, e que essa seria uma bela oportunidade para mim, que estava incluída na área da educação e em especial na infantil. Ela já foi logo

me colocando a par de tudo; me disse que era muito bom e que a metodologia era algo surreal e que seria muito positivo para meu currículo profissional. Falou que não seria fácil, que tinha seus altos e baixos, mas me disse que valeria muito a pena tentar.

Pois bem, saí da sala, pensativa, me perguntando como ia dar conta de tudo isso. Até porque, eu tinha uma criança, que dependia de meus cuidados e por estar em uma escola que exigia muita atenção diante de suas tarefas. Além disso, a distância da faculdade até minha casa não era pequena. Cheguei em casa e contei para meu marido, que disse o seguinte: “você está esperando o que para se inscrever?” Eu disse: “Tenho a Duda, tem você...” Mas ele logo quebrou essas regras, me dizendo que tudo bem, que eu ia conseguir e ele ia me ajudar. Isso não seria problema algum para ele. Não pensei duas vezes e, no dia seguinte, fiz minha inscrição. No primeiro instante, pensei em desistir, porque achava que ainda não estava pronta para enfrentar tudo isso e porque eu não me sentia capaz para estar lá.

Chegou o dia da nossa prova. Sabe aquele dia em que você faz as coisas de qualquer jeito? Foi assim, eu achava que tinha feito tudo errado. Logo avisei à lanca, minha maior incentivadora e que estava do meu lado, que ia entregar minha prova e que eu a esperaria do lado de fora.

Fotografia 02



Foto registrada 13 de Maio de 2019 de minha autoria.

Assim fiz. Quando ela me encontrou, falei toda sorridente: “amiga, acho que não vou passar. Espero que não, porque falei de Carlos Drummond de Andrade”. Sua reação na hora foi a mais engraçada. Ela riu e perguntou: “como assim, sua doida? Amiga, porque você não pensou mais? Por que não me pediu ajuda? Eu logo falei: “relaxa, eu não quero mesmo”. Seguimos para nossa casa.

No dia do resultado, eu pedi para as meninas do meu trabalho, que estavam fazendo a pós-graduação em Psicopedagogia lá, para darem uma olhada. Logo recebi uma mensagem da professora Eliane Caetano, me dizendo que estava muito feliz pela minha conquista; eu havia passado na primeira etapa. Na hora, chorei de tristeza, angústia e medo. Medo de decepcionar quem mais acreditou em mim e no meu potencial.

E essa foi minha trajetória. Posso dizer, atualmente, que foi a melhor escolha da minha vida diante da educação.

1.2 O universo Pró-Saber

O primeiro dia de aula me deixou literalmente preocupada, pois não sabia o que iria encontrar. Ao entrar no auditório, fui recebida por todo corpo docente que devagar foi observando o rosto de cada um de nós que ía chegando. Clara, Maria Cecília e Madalena Freire não mediram palavras para as boas-vindas.

Neste momento, percebi que com esta acolhida não desistiria nunca do meu processo, pois aquelas palavras me deram forças para seguir e não desistir, e olha que era apenas o primeiro dia.

O medo habitava em mim por mais que eu não pensasse em desistir, e foi em nossas primeiras aulas que a concepção do Pró-Saber começou a trabalhar em cima das minhas vivências: quem sou eu e o que quero. Foi difícil compreender a concepção democrática e os instrumentos metodológicos, pois eu vinha de uma rede de ensino em que a autoridade era o professor e o educando nem voz tinha.

Foi quando em nossas primeiras aulas com Clara Araújo, ela nos disse que naquela instituição nós, educadores, somos movidos pelo desejo e que iríamos deixar nossas insatisfações, medos e anseios, buscando enfrentá-los e

nos transformarmos em um educador democrático, pois é nesse modelo de educador democrático, que desejava formar.

Os instrumentos metodológicos foi algo que mexeu comigo, pois não tinha ideia de como utilizar, não tinha o costume de registrar, auxiliava muito mal a professora nas atividades.

Eu sabia que trabalhar na Educação Infantil não seria fácil, que precisaria de muita entrega e dedicação, mas o meu medo era acompanhar as demandas que o grupo apontava e que a criança trazia. Mas depois tudo começou a fazer sentido para mim.

Para Paulo Freire (2004, p. 73) “a condição dos homens como seres históricos os identifica como seres mais além de si mesmos, para quem o olhar para trás não deve ser uma forma nostálgica de querer voltar, mas um modo de melhor conhecer o que está sendo, para melhor construir o futuro”.

Como eu falei lá em cima, não foi fácil, mas a experiência de estar no Pró-Saber me fez ter um olhar mais apurado para a criança. Agora, ao final da formação, eu não me sinto uma auxiliar apenas, mas sim uma educadora, que consegue trabalhar com sua turma e as histórias de cada um deles.

Eu não imaginava que estava aprendendo tanto com esse curso, com meu grupo, com os professores, com os individuais e com cada observador das aulas. Não foi simples me expor diante de uma turma cheia, principalmente quando eu era convocada para fazer o ponto de observação da aula. Isso sempre me deixava tensa, pois não parecia muito, mas eu sempre fui muito tímida para falar em grupo. Foi através dos pontos de observação, que eu pude ampliar meu pensamento, me fazendo enxergar as possibilidades. O grupo é constituído por papéis: bode expiatório, líder de mudança, líder de resistência, silencioso e porta voz. Madalena Freire (2008, p.102) fala que “os silenciosos são aqueles que assumem as dificuldades dos demais para estabelecer comunicação, fazendo com que o resto do grupo se sintam obrigados a falar”. E eu sempre me pagava silenciosa, quieta e os educadores sempre falavam que devemos falar, pois a minha dúvida pode ser a dúvida do colega. A todo tempo éramos obrigados a pensar.

A escrita das sínteses e dos registros diários me fazia voltar à aula e a organizar meus pensamentos, e isso é algo que jamais irei esquecer, pois foi assim que percebi que o educador cria seu registro, quando ele observa e

escreve. Para que essa construção acontecesse, eu precisei fazer o uso da metodologia que era a reflexão, e hoje eu tento ser uma educadora que realiza e desafia outras educadoras a utilizar os maravilhosos recursos que aprendi neste curso. Posso dizer que sou leitora e que minha visão diante do aprendizado de cada criança é única.

Sei que cada um tem seu modo de aprender e tento me colocar no lugar do outro. Me percebo antes de julgar alguém. Sei que devemos ouvir mais e criticar menos, pois cada um tem sua história e cada história tem um porquê.

Bem, o que eu imaginava? Confesso que no primeiro momento, pensei que este curso me ofereceria aulas mais dinâmicas e que, no decorrer dos dias, eu saberia montar minha grade de aulas. Mas não foi bem assim... aos poucos, fui percebendo que neste espaço educacional, o que prevalece são os instrumentos metodológicos, que levam o aluno a aprender e construir o conhecimento junto com o professor.

Toda aula precisa ser planejada conjuntamente, e é preciso ter uma visão ampla do mundo. Eu desejava tantas coisas, e hoje só desejo dar continuidade ao curso, e ter mais conhecimentos diante da educação infantil.

Estudar nesta instituição foi o meu maior investimento, tanto na minha vida pessoal como na profissional, pois aprendi como ser uma educadora. Mas analiso sempre a prática pedagógica e esse objetivo me fez ver as crianças, ou seja, meus alunos, como seres sociais, que têm muitas emoções. Estou sempre experimentando outras relações com as crianças, mantendo uma ação interativa, capaz de libertar e transformar, proporcionando uma vivência harmoniosa.

Um dos meus maiores objetivos como educadora é valorizar os conhecimentos construídos de uma forma crítica e reflexiva, diante das famílias. Estudar nossa própria prática nos faz ser mais persistentes, favorecendo uma boa aceitação no ambiente escolar.

Quero deixar minha marca, que seja um pouco de mim, tanto nas crianças como em cada um que permanecer neste universo chamado educação infantil. Quero ter inspiração e persistência como minhas maiores aliadas para sempre adquirir conhecimento durante o semestre, para melhor compreender o mundo infantil.

Quando a tristeza está em mim e o tempo não está,
trato de pôr os óculos escuros, fechar portas e janelas
e espero a escuridão chegar.
Quando a tristeza não está em mim e no tempo está,
trato de acender velas e todas as luzes, junto com a menina que mora
em mim, desenhando o sol na areia,
chamando quem falta chegar . (FREIRE, M., 2008, p. 60).

1.3 Instrumentos metodológicos

Segundo Madalena Freire (2008, p. 56), “quando escrevemos, desenvolvemos nossa capacidade reflexiva sobre o que sabemos e o que ainda não dominamos. O ato de escrever nos obriga a formular perguntas e hipóteses, nos levando a aprender mais e mais, tanto a formulá-las quanto a respondê-las”. Os instrumentos metodológicos propostos por Madalena Freire, que aprendi ao longo deste curso, me fizeram ter uma leitura ampla e valorizada para as ações das crianças junto com o professor.

Essas ações são feitas de observação e registros, que fazem com que eu tenha um olhar acolhedor, tanto nas aulas como no meu ensinar. Sempre penso que a forma planejada facilita uma educação de qualidade, mas para isso acontecer, precisamos ter uma observação mais sensibilizada para a escuta e os registros. Todas as aulas tinham tarefas que foram fundamentais para essa construção. O registro chamado de síntese, exigia que diariamente escrevesse sobre a aula de forma bastante reflexiva. Para mim esses momentos me fizeram ter voz e a compreender e praticar a concepção democrática que nos traz essa chance de falar e de expor o que estamos sentindo.

E como bem diz Madalena Freire (2008, p. 63), “é no seu ensinar que se dá seu aprendizado de artista”. Os instrumentos metodológicos têm o poder de nos possibilitar fazer uma educação com um novo olhar, onde o registro, a avaliação e a observação, acabam se tornando permanentes no ensinar do professor. Com isso, o profissional de educação consegue atuar em sala com mais autonomia, proporcionando uma aprendizagem para seus alunos com mais espaços para o diálogo, questionamentos e dúvidas. Nesse processo de aprendizagem todos sempre têm algo para compartilhar e levantar hipóteses pelos educandos.

2 CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO E APRENDIZADO

Fazer uma reflexão desses três anos de curso é como se eu estivesse mergulhado em sentimentos valorizados, onde se é capaz de olhar para dentro de nós mesmos. Foi um exercício de escavação de todas as disciplinas e professores que me marcaram durante meu processo de construção. Compreendi a importância de educar o olhar e que devemos ser sensíveis com a arte, com o próximo e com a natureza. Diariamente eu era provocada pelos professores a pensar sobre a forma de ensinar e de aprender, reconhecendo o professor facilitador no processo de aprendizagem. Ferrari (2008), em artigo sobre Antonio Nóvoa, diz que o educador português “recomenda aos professores uma atuação que não se prenda apenas aos interesses corporativos, mas contemple as questões diretamente ligadas ao ensino e a aprendizagem. É preciso participar de movimentos pedagógicos que reúnam profissionais de origens diversas em torno de um mesmo programa de renovação do ensino”.

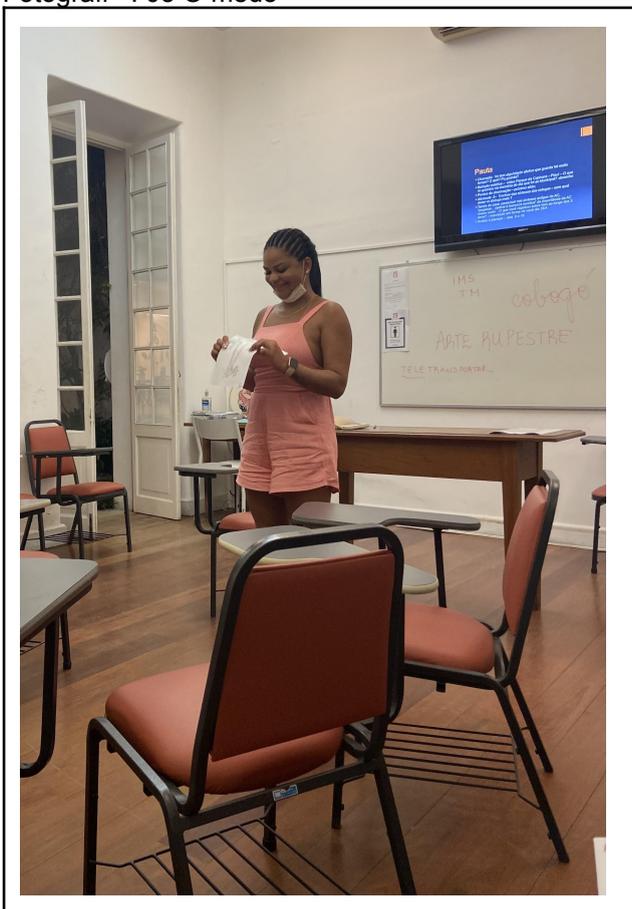
E não posso deixar de registrar o medo que persiste em me acompanhar durante todo esse processo.

Medo de envolver, de arriscar-se, de falar, de ousar, de se mostrar?
 Medo de se comprometer, de não mais poder recuar, saltar, voltar atrás?
 Medo de se mostrar no que cada um é, no seu limite, nas suas faltas, na sua ignorância?
 -Medo?
 -Medo.
 Medo, que o corpo fala:
 - na mudez aterrorizada, na paralisia dos gestos, no cochicho barulhento, no riso histérico, na falação oca, na bochecha avermelhada, no pedido de toque que apazigue a perdição, no olhar descolado, sem chão, viajando nuvens, vendo camelo albino, dinossauros, na busca agoniada do desconhecido, do novo...
 -Medo?
 -Medo.
 O medo faz parte do processo de aprendizagem, do agir do fazer. Termômetro que se está nascendo, construindo o novo, e o gosto de medo no corpo.
 Não fomos educados para enfrentarmos o medo desta construção e sim para a passividade silenciosa, omissa do não se expor, para bem educadamente reproduzir o conhecimento.
 Enfrentar o medo de se expor, de assumir-se, rompendo nossa couraça autoritária, e o anúncio de uma nova relação numa

concepção democrática de educação, em que cada um aposta e depende do outro de si, para a construção de sua autoria, do conhecimento e de sua história. (FREIRE, M., 2008, p. 62).

Tenho uma vaga lembrança de quando a professora Priscila Almeida, durante as aulas remotas, me convidou para ler minha síntese e com isso eu tive que produzir um vídeo. Nessa hora, me deu vontade de desistir e de nunca mais voltar, mas toda essa vontade só foi sumindo, quando, a cada aula, uma nova batalha ia surgindo. Uma delas foi me permitir continuar nesta construção e mostrar minha transformação durante toda minha trajetória, onde eu articulei experiências, teorias e novas práticas.

Fotografi –: 03 O medo



Autora: Geisa do Carmo

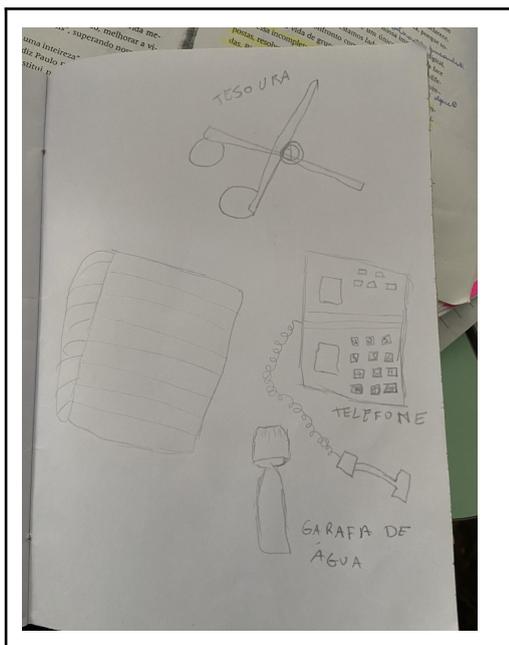
Durante as aulas de Metodologia de Pesquisa, com Cristina Porto, refletimos sobre a cultura e sobre as fotografias com valores sentimentais. Foram momentos especiais, em que o grupo falou de suas famílias e raízes e se expressou de forma bem específica. A professora nos mostrou documentos

que podemos olhar e trazer para a construção da nossa monografia. A fotografia é um deles.

Lemos o texto de Tomás Prado (2008, p. 84) em que o autor traz Alexandre, personagem de Graciliano Ramos, que diz: “tive desejo de voltar para casa, mas o corpo morrinhento não me ajudou”. Me perdi diante das palavras que fui encontrando como: muro, lanhada, entre outras. O texto conseguiu trazer um pouco da cultura do meu nordeste. Hoje guardo as belas palavras da professora Cristina Porto de que temos um caminho e que precisamos nos perder nas palavras, e foi exatamente isso que fui fazendo nas aulas de metodologia de pesquisa.

Já nas aulas da professora Luana Vieira, na disciplina Arte e Educação, aprendi técnicas artísticas e exercícios que me fizeram ir além, me fazendo me expressar artisticamente, rompendo o medo de expor meus desenhos principalmente quando tinha que desenhar pessoas. Isso me fez crescer, pois passei a observar melhor as coisas que desenhava, e ao perceber que não existe certo ou errado. Passei a ter um olhar observador para os desenhos, me fazendo perceber que tudo que desenhamos é uma arte. Permiti que a minha criança interior viesse à tona sem julgamentos e dessa forma pude absorver melhor os conteúdos e levá-los da melhor maneira para a sala de aula.

Fotografia: 04 - Desenho de observação



Acervo da Autora

Aprendi muito também na disciplina “Etapas Evolutivas do Desenho”. Os rabiscos passaram a ter o nome de garatujas. Com intencionalidade ou sem, as crianças deixam suas marcas no papel, onde aos poucos os traços ganham formas retas ou circulares, e expressam sua realidade de vida.

Na disciplina “Educação Especial e Perspectiva da Inclusão”, com a professora Ana Elisabete Lopes, pude compreender sobre as perspectivas do olhar da pessoa com deficiência. Ela me fez pensar sobre a falta de acessibilidade que alguns lugares têm e que devemos garantir o direito dessas pessoas sempre.

E para se ter uma didática melhor, durante o uso da tecnologia, a professora Flávia Quadrelli foi nos auxiliando nas aulas de TICS. Nesse exercício foi possível ter um conhecimento prático diante do uso desta ferramenta, aprendemos a usar o *Google Docs*, enviar e-mail com cópia, etc, nos facilitando bastante a organização e produção de nossos textos digitados. Além disso, essas aulas me fizeram pensar quanto ao uso responsável da rede.

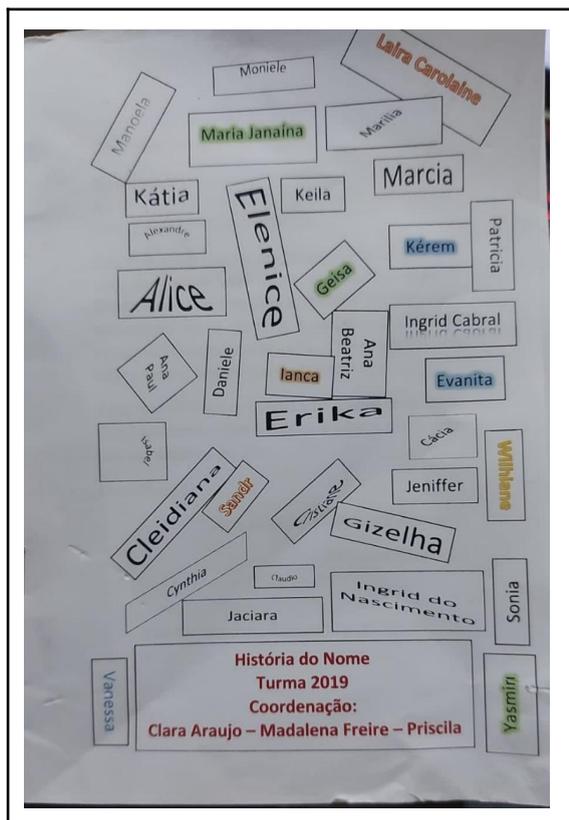
A disciplina Oficina de Leitura e Escrita com a professora Liana Castro me fez pensar sobre nossa paralisação na leitura e na escrita. Pude me encantar e ampliar meu conhecimento sobre autores e diferentes gêneros literários: Bartolomeu Campos de Queirós, Clarice Lispector, Conceição Evaristo, Daniel Munduruku, João Ubaldo Ribeiro, entre outros. Eles foram modelos de inspiração para nós, e para detalhar todo esse processo, produzimos portfólios com sínteses, textos de estudos e fotografias.

Nas aulas de instrumentos metodológicos, com as professoras Priscila Almeida, Clara Araujo e Madalena Freire, pude fazer um mergulho nos instrumentos metodológicos e em mim, e um dos conteúdos que mais me flechou foi o texto “Professora sim, tia não”, Paulo Freire fala (1997, p. 12) “a tarefa de ensinar é uma tarefa profissional que, no entanto, exige amorosidade, criatividade, competência científica, mas recusa a estreiteza cientificista que exige a capacidade de brigar pela liberdade sem a qual a própria tarefa fenece.”

Fizemos uma atividade que foi além e pude fazer um resgate da história do meu nome. O resultado deste trabalho foi lindo, um portfólio com a história do nome de todos.

O meu nome, por exemplo, foi escolhido de um livro chamado: “que nome darei ao meu filho” e sua escolha foi feita pelo meu pai, que disse que era um nome lindo. Sua escolha foi feita por não ter ninguém no lugar onde eu nasci com esse nome. Foi muito marcante descobrir de onde e como ele foi escolhido e porque quem.

Fotografia – 05 [Sem título]



Autor: Laura Carolina

Na disciplina da professora Ana Paula Pedro, dei um mergulho no Desenvolvimento Lógico-Afetivo e Social da Criança, onde estudei “Freud e o inconsciente”. E foi durante os estudos de Madalena Freire, que pude ver mais sentido em todos os conteúdos que me atravessaram. Como bem diz Madalena Freire (2008):

nessa incompletude desejante, estamos sempre buscando respostas, resolvendo problemas, inventando problemas, criando saídas. Bicho não cria, repete se exatamente, porque não tem consciência de sua incompletude, de sua finitude gente, pelo contrário, é marcada por esta consciência e por isso, por sua capacidade de pensar, criar, inventar, imaginar, sonhar, projeta, vive o presente, constrói o futuro. (FREIRE, M., 2008, p. 25).

Na dificuldade e na nossa incompletude é que vamos nos completando. Nesta disciplina uma das marcas que ficaram em mim foi o "Toque-Patoque", vivência essa que irei guardar com muito carinho.

Fotografia – 06 professora Ana Paula Pedro



Autora: Ianca Cristina

Uma das minhas maiores experiências, durante essa formação, foi com as aulas da professora Melissa Lamego, na disciplina de "Alfabetização Cultural", onde vivenciamos momentos sensíveis a partir das diferentes linguagens. O objetivo é promover um mergulho no mundo cultural e artístico, que levou os alunos a conhecerem e frequentarem esses lugares com pertencimento, me fazendo ter uma visão ampliada sobre o conceito cultura.

Visitamos o Teatro Municipal, o Instituto Moreira Salles, entre outros, de modo a pensar sobre a representatividade e compreender a importância do conhecimento da arte, que deve estar desde cedo na vida das crianças. elas também precisam ficar cientes de seus direitos de ser inseridos no mundo

cultural. Como educadora, percebi o quanto é essencial nutrir da arte e do conhecimento.

Fotografia – 07 Profa. Melissa



Autora: Laira Carolina

2.1 Pandemia

Me lembro, como se fosse hoje, quando no dia 12/03/2020, um dia como qualquer outro, a professora Melissa entrou na sala e deu a notícia de que teríamos que ficar afastados por alguns dias para que tudo ficasse normalizado.

Era a pandemia de Covid-19, que chegava. Assim, todos foram para casa, acreditando que aquele momento seria passageiro, mas não foi. O tempo foi passando e como ele, as coisas iam se agravando mais e mais. Logo em seguida, o Pró-Saber teve que voltar às aulas. Para que ninguém ficasse prejudicado diante de toda situação, as aulas passaram a ser remotas, através do aplicativo *WhatsApp*.

No início, o grupo tirou de letra, pois todas as aulas ficavam gravadas. Tínhamos a possibilidade de voltar a elas para concluir o que era proposto.

Mas essa ainda não era a melhor opção de encontro com o grupo. As professoras queriam um encontro mais acolhedor, onde todos pudessem se olhar e ouvir. Foi quando iniciamos uma batalha chamada: *Google Meet* X conexão com a internet. Tanto para os alunos quanto para os professores foi difícil. No início me senti um peixe fora d'água, sem saber como e por onde começar, pois eu nunca tinha feito aula online. Sempre optei por fazer curso presencial, mas nem tudo que desejamos, acontece. E a COVID-19 pegou muita gente de surpresa.

Com o tempo fomos nos sentindo mais à vontade, para nos colocar, falar e tirar as devidas dúvidas que iam surgindo; percebi que me tornei uma observadora passiva, que não interagiu muito, mas que aos poucos foi tentando dar conta dos conteúdos. Não foi fácil e, como eu falei, na aula da professora Melissa Lamego, tentei me adequar, tentei estar presente a todo tempo, mesmo como a internet vilã. Mas digo e repito que desistir é para os fracos, e, se me mantive aqui, mesmo diante das dificuldades, com essa doença que veio para destruir o mundo, penso: “por que não permanecer nesta luta de buscar por uma educação de qualidade?”.

3 PROFESSOR E ALUNO E SUA IMPORTÂNCIA DURANTE A CONSTRUÇÃO DO VÍNCULO

O educador precisa refletir se realmente está dando espaço às crianças, para então agir e contribuir para seu desenvolvimento. Madalena Freire (2008) sugere várias questões para pensarmos:

Quando educamos as crianças, os professores, os pais?
 Quando educamos?
 Existe hora determinada onde somos educadores e depois deixamos de ser? Quando educamos?
 Estamos educando quando silenciados, nos omitimos, quando brigamos ou choramos?
 Quando educamos?
 Estamos educando quando não nós escutamos o outro?
 Quando educamos?
 Estamos educando quando
 Demonstramos
 nosso desprezo, nosso ódio, nossa inveja
 nosso querer bem
 nosso afeto no braço quente?
 Quando educamos?
 Estamos educando quando
 nosso corpo está rígido e
 nosso riso frio?
 Quando educamos?
 Existe hora determinada onde somos educadores e depois deixamos de ser?
 Quando educamos?
 Um artista e artista
 só quando usa seu instrumento de trabalho?
 Ou ele é artista?
 desde a hora que adormece?
 Quando educamos?
 O ato de educar
 É contínuo, permanente,
 porque quem educa
 e a pessoa
 na sua totalidade,
 com suas incoerências e limites
 em todos os seus momentos. (FREIRE, M., 2008, p. 143).

E, quando o assunto é relação entre família, escola e criança, tudo tem que ser verdadeiro e dinâmico, para que essa interação aconteça de ambos os lados, tanto dos educadores quanto dos responsáveis, sem deixar de se interessar pela história de vida de cada um. A construção desse vínculo só será possível se o educador passar a se colocar no lugar do aluno. Por diversas vezes, esquecemos que já estivemos nesta mesma posição, e que a escola deve ser um espaço que ofereça todas as condições possíveis para fortalecer esse laço afetivo.

Por exemplo, precisamos estar sempre atentos às necessidades do dia a dia, ainda mais os educadores que atuam ao redor da comunidade. Temos que resgatar e enxergar o sofrimento e a angústia de cada aluno, pois eles acabam trazendo dificuldades que o professor só vai perceber, se ele tiver empatia, conseguindo enxergar o seu aluno e tentar ir em busca de outras formas para se trabalhar com ele em sala de aula. Essa profissão é algo que mexe muito com o outro, com nosso interior, pois não somos nem pai e nem mãe, mas o ato de educar exige uma dimensão de cuidado. Se não é possível cuidar do aluno com afetividade, não é possível virar educadora, pois devemos cuidar com amor do aluno que está presente.

Não adianta trabalharmos com temas geradores e projetos, se continuarmos a reprovar nossos alunos com o olhar. A metodologia do curso me fez ver que, quando adotamos o autoritarismo, estamos automaticamente desconhecendo a criança como pessoa humana e com capacidade de decisão. O educador precisa estar atento ao seu saber, se distanciando desse autoritarismo. Para sermos professores temos que lidar com pessoas que acabam exercendo uma função parental que é a capacidade de acolher do jeito que ele é, mas tudo dentro da norma com amor, limite e rigor. Essa reflexão é algo que a cada dia vai ficando mais clara para mim.

Todos acham simples, porque cada um ama seu aluno de um jeito, e isso que é o diferencial. Por vezes os professores nutrem esse sentimento, principalmente, quando a criança não entra no padrão do esquema escolar. Ele logo se retira, deixando de lado a responsabilidade, e isso não acontece por maldade. Ele pensa que se fizeram assim com ele, porque não fazer também e deixar que a instituição resolva.

Com toda experiência vivida no curso é muito difícil não mudar a forma de agir e olhar, principalmente quando somos acolhidos para criar algo novo. Temos que acreditar na mudança significativa e lutar por ela e estar abertos ao diálogo. Essa é a principal arma para que isso seja possível.

O vínculo deve ser considerado e respeitado, não como necessidade humana, mas também como direito legal. O vínculo entre criança e professor é tão importante quanto outros parâmetros considerados primordiais no modelo de ensino. O resultado é o bom relacionamento e a generosidade de acolher o outro, mesmo que esse outro esteja errado ele precisa ser ouvido, pois quando

não há uma boa relação entre o educador e o aluno, a criança passa a ter medo de ser criticada e de errar. Afinal somos seres sociais, aprendemos uns com os outros constantemente e acredito que essa aproximação afetiva de ambos torna o ensinar mais prazeroso e significativo, pois não é qualquer um que está me ensinando e sim aquele professor que tanto gosto.

E tenho que confessar que eu não acreditava no meu potencial, a tudo que eu tentava fazer, não dava continuidade, e vi que isso só foi possível graças ao Pró-Saber, que foi adiante na aposta em cada um ali presente. Passei a me sentir pertencente, acolhida. E o vínculo que foi criado pelos educadores me fizeram me sentir forte e segura, acreditando que, se quero, posso fazer a diferença.

E tenho que reconhecer que se o vínculo não estivesse presente em cada parte, o meu crescimento nesta instituição certamente estaria perdido em algum lugar. Se agora estou aqui, defendendo a importância do vínculo entre professor e aluno, é porque ficou clara a valorização do sujeito. Me sinto plena e realizada por saber que agora uma parte da mudança na educação infantil se encontra nas minhas mãos. Como dizia Sônia Kramer (1993, p. 22): “O cuidado, a atenção, o acolhimento, as trocas, narrativas da história precisam estar presentes na educação infantil. A circulação de saberes também”.

Fotografia 08 – Uma paixão chamada: Pró-Saber



Autora: Geisa do Carmo

Considero a criança um ser único, tanto no âmbito social quanto no interpessoal. Conhecer e considerar as particularidades de cada uma, levando sempre em conta sua faixa etária, seus costumes, valores, entre outros aspectos é fundamental. Aprendi o quanto a teoria e a prática precisam andar juntas, trazendo reflexões, indagações e foco para a formação docente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Pró-Saber na minha vida foi a lacuna que faltava ser preenchida para eu me formar professora. A metodologia praticada por Madalena Freire instigou e me fez mergulhar, não só na minha, mas nas histórias de meus colegas. Revisitei a minha infância, vários acontecimentos e resgatei memórias que estavam guardadas. Esse trabalho foi importante por me fazer perceber que todos nós carregamos uma história. Com o uso dos instrumentos metodológicos, as reflexões foram mais densas e me fizeram enxergar a criança como protagonista. As trocas e experiências vividas com o grupo foram fundamentais para essa construção de conhecimento.

O meu objetivo principal foi ressaltar a importância do vínculo entre aluno e professor, mas também mostrar o que aprendi sobre a evolução do processo de leitura e escrita, tendo em vista que parte desta leitura de mundo é feita pelas crianças, desde seu nascimento até chegar na Educação Infantil. Não posso deixar de citar aqui que todos os professores e colegas me inspiraram. Cada relato me ajudou na construção do conhecimento coletivamente.

Eu não conhecia esse curso de excelência que fez e faz a diferença na minha vida, me proporcionando ser mais crítica e segura, a me impor, e a acreditar no meu potencial mesmo sentindo medo.

As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente "raciocinar" ou "argumentar", como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ou sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras. E portanto, também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmo, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. (LARROSA, 2002, p. 21).

Hoje tenho uma visão mais ampla sobre o mundo e sobre a educação e espero que esta monografia sirva de pesquisa para outros profissionais da área. Aqui no Pró-Saber trilhei um lindo caminho de muitos saberes. Não pensei que chegaria tão longe e hoje estou aqui concluindo meu Normal Superior, já com o pensamento na próxima especialização que farei para ampliar mais e mais esse aprendizado, experimentando e construindo mais experiências.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Madalena. **Educador educa a dor**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

JOSSO, Marie-Christine. **A transformação de si a partir da narração de vida**. **Educação**, Porto Alegre/RS, n. 3 (63), 2007.

KRAMER, Sonia. Adultos e crianças mais do que professores e alunos. **Pátio Educação Infantil**. Ano 1, n.2, Ago/Nov. 2003.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**, **Revista Brasileira de Educação**. n. 19, p. 21, 2002

FERRARI, Márcio. António Nóvoa, o garimpador de histórias de vida. In: **Revista Nova Escola**. São Paulo: Abril, n. 215, set. 2008. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1666/antonionovoa-o-garimpador-de-historias-de-vida>. Acesso em: 2 ago. 2020.

PRADO, Tomás. O olho torto de Alexandre: Ensaio sobre o alcance de uma visão maculada. Rio de Janeiro, 2008. **Viso**: · Cadernos de estética aplicada.